

# Verba. E salário maior para os docentes.

Oswaldo Ubriaco Lopes,  
candidato a reitor, dá ao JT  
entrevista da série.

O médico e professor Oswaldo Ubriaco Lopes, atual pró-reitor de Pesquisa da USP, foi o quinto classificado na votação de primeiro turno para escolha do novo reitor. Entre suas propostas está a luta por verbas maiores para o orçamento da Universidade e melhores salários para os professores, a fim de que eles possam trabalhar em regime integral. A prestação de serviços em áreas que não encontram mercado na sociedade também faz parte de seus planos.

**JT — O que é preciso fazer para que a USP entre na tão falada “modernidade”?**

**Lopes —** Acho que a USP é uma universidade moderna. O que sentimos, às vezes, é a falta de uma agilização dos procedimentos, quer dizer, a universidade funciona como órgão público. Os órgãos públicos, em geral, são protegidos por precauções legais, por tribunais de contas e curadores de processo. Essa norma geral é excelente para a administração pública, mas ela amarra a universidade. Eu diria que o que nos separa da modernidade é um pouco mais de agilidade no trato das questões administrativas.

**JT — A pós-graduação da USP responde à fama que tem?**

**Lopes —** Sem sombra de dúvidas. Nós temos 88% de nossos cursos classificados acima da média. Temos mais de 240 áreas possíveis de pós-graduação. Se há uma coisa que encanta na USP é trabalhar com a pós-graduação. São irmãos de fé, porque é gente que acredita no que faz, gente que está envolvida com jovens — os orientados são jovens — então as reuniões são muito fáceis, porque todo mundo acredita na mesma coisa. É uma espécie de fé que une as pessoas que trabalham na pós-graduação.

**JT — Para que haja uma qualidade melhor de ensino e pesquisa, o professor**



*Lopes: o que entrava a USP é a falta de agilidade nas questões administrativas*

**precisa se dedicar muito. Como o senhor avalia o regime de trabalho do docente?**

**Lopes —** O regime de trabalho que fez a USP começou na Faculdade de Medicina. É o regime de dedicação exclusiva. Ele tem uma característica: permite que o docente tenha um salário razoável e possa se dedicar integralmente às coisas da universidade. Ele não fica com um pé em cada canoa, preocupado, tentando ajustar quatro ou cinco empregos. Este é o regime preferencial da universidade. Ele, às vezes, acarreta um estrangulamento, não para o docente, mas para a universidade, porque o docente não se envolve em coisas que seriam importantes para ele e para a universidade. O novo

Estatuto foi muito feliz nesta questão. Foi minha Comissão, responsável pela organização da carreira docente e os regimes de trabalho, que apresentou a proposta hoje incorporada ao documento, onde consta: “ocupando-se o docente exclusivamente com trabalhos de ensino, pesquisa, extensão e serviços à comunidade, admitindo-se a necessária flexibilidade no desempenho de atividades de interesse da universidade”. Para mim este texto é a chave. O mundo evoluiu. Portanto, temos que ter regiões de flexibilidade, mas a universidade é o paradigma maior. A medida que deve medir as coisas é o interesse da universidade.

**JT — Como o senhor entende a universidade como prestadora de serviços?**

**Lopes —** Nós temos um País com enormes problemas e a universidade é bastante crítica em relação a estes problemas. Ela não faz acordo com a mediocridade, ela critica mesmo. Critica a construção de casas que caem, os poços de petróleo que não tiram petróleo, a poluição ambiental, os meios de extração do ouro. Por isso, ela adquire uma certa credibilidade e a sociedade começa a, eventualmente, querer fazer alguma pressão para que a universidade realize mais serviços, uma vez que eles têm qualidade. Porém, não devemos cair na tentação de prestar todos os serviços, ou seja, transformar, por exemplo, a escola de Agronomia numa grande fazenda que colha gêneros de primeira qualidade para a população em geral. São metas impossíveis de serem atingidas. O que podemos fazer são modelos ou programas para colocar à disposição de governos, para serem desenvolvidos junto à sociedade. Inclusive nós deveríamos assumir tipos de serviços que não têm mercado na sociedade, como habitação popular, resolvendo problemas de barateamento de construção, planejamento urbano etc.